

DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO: SABERES E FAZERES ANCESTRAIS DOS POVOS ORIGINÁRIOS AUSTRALIANOS

ALAN ALVES-BRITO¹

UFRGS, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-5579-2138>

RESENHA

NEALE, Margo; KELLY, Lynne. **Songlines: The Power and Promise.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2020.

PAGE, Alison; MEMMOTT, Paul. **Design: Building on Country.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2021.

GAMMAGE, Bill; PASCOE, Bruce. **Country: Future Fire, Future Farming.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2021.

NOON, Karlie; DE NAPOLI, Krystal. **Astronomy: Sky Country.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2022.

CUMPSTON, Zena; FLETCHER, Mivhael-Shawn; HEAD, Lesley. **Plants: Past, Present and Future.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2023.

LANGTON, Marcia; CORN, Aaron. **Law: The Way of the Ancestors.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2023.

MCNIVEN, Ian J.; RUSSELL, Lynette. **Innovation: Knowledge and Ingenuity.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2023.

ANDREWS, Shawana; EADES, Sandra; STANLEY, Fiona. **Health: Spirit, Country and Culture.** Melbourne: Thames & Hudson Australia, 2024.

Povos aborígenes e das Ilhas do Estreito de Torres estejam cientes de que este documento contém nomes de pessoas que faleceram.

¹ Doutor em Ciências (USP). Possui especialização em Literatura Brasileira (UFRGS) e realiza doutorado em Educação (UFRGS). Professor no Instituto de Física da UFRGS. E-mail: alan.brito@ufrgs.br
ALVES-BRITO, Allan. Descolonização do pensamento: saberes e fazeres ancestrais dos povos originários australianos. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 265-272, jan./abr. 2026.

A discussão étnico-racial é, do ponto de vista histórico, social, político e cultural bem localizada no tempo e no espaço, cujos termos, sentidos e implicações políticas variam de lugar para lugar (Smith, 2018; Nuñez, 2023). Compreender as diferenças/similaridades dessa discussão em distintas localidades do globo é fundamental para a antropologia em suas interconexões e trocas teóricas e metodológicas com outros campos do conhecimento (Pinho; Sassone, 2008).

A coleção *First Knowledges (Conhecimentos Originários)*, tradução livre, 2020-2024) é um dos mais primorosos esforços intelectuais do século 21, não apenas pela crítica e precisa (re)contação da história dos povos originários da Austrália, mas sobretudo pelas contribuições singulares que a coleção traz para a discussão e os estudos sobre as dinâmicas das lutas antirracistas no mundo.

Coordenada e editada pela pensadora e pesquisadora Margo Neale, uma historiadora e curadora de descendência aborígine e irlandesa, uma mulher *Gumbaynggirr* e *Wiradjuri*², a coleção contará, em 2025, com pelo menos dois outros manuscritos. Os livros ressignificam o trabalho de pesquisa e conformam um dispositivo potente de racialidade na Austrália pelo enfrentamento ao genocídio epistemológico de seus povos originários.

Em cada um dos livros, pensadoras e pensadores indígenas e não indígenas — estes últimos(as) estudiosos(as) comprometidos(as) com as lutas políticas pró-indígenas no país —, são convidados(as) a discutir sobre distintos assuntos que fazem parte das cosmologias (filosofias) e cosmopercepções dos povos originários australianos. De leitura fácil, os livros são direcionados a públicos variados. Cada um dos textos traz uma introdução escrita pela editora e coordenadora da coleção; uma mini trajetória das pessoas autoras; capítulos que mobilizam cada uma das questões-chaves abordadas, destacando os desdobramentos políticos contemporâneos; imagens e obras de artes apresentadas em estéticas disruptivas; notas de pesquisa; índice remissivo e muitas referências. Trata-se de uma coleção focada em saberes, fazeres e emoções dos povos originários que, do ponto de vista ancestral e da descolonização do pensamento, estão integrados, como parte de um sistema de conhecimento que é vivo, inserido nos corpos (vivências) desses povos, completamente alheios às categorias de conhecimento que a ocidentalidade (eurocentrismo) forjou no processo de ruptura cosmológica (invasão) de séculos atrás, a saber: língua, linguagem, arqueologia, história, antropologia, psicologia, arquitetura, astronomia, biologia, direito, saúde, distintos campos das tecnologias e suas inovações, entre outros.

Em linhas gerais, os livros estão conectados pela ideia de *Country*, a *genética* física, cultural e ancestral dos conhecimentos dos povos primevos da Austrália. Cada uma das narrativas está impregnada de conhecimentos milenares, perpassada por obras de artes também dispostas no texto que, conforme tem sido amplamente discutido na literatura de base prático-teórica negra e indígena (Ixapy, 2022; Lima, 2023), essas criações não são apenas *artes* no sentido ocidental, mas traduzem modos de vida, modelos cosmológicos, sistemas próprios de conhecimentos e de estéticas

² Disponível em: <<https://aiatsis.gov.au/explore/map-indigenous-australia>>. Acesso em: 12 Abr. 2025

ALVES-BRITO, Allan. Descolonização do pensamento: saberes e fazeres ancestrais dos povos originários australianos. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 265-272, jan./abr. 2026.

que não se curvam às regras excludentes e monotônicas das lógicas modernas e contemporâneas.

O primeiro livro da série foi escrito por Margo Neale, já apresentada nesse texto, e Lynne Kelly, escritora, pesquisadora e educadora científica não indígena, investigando oralidades. O livro desvenda um dos conceitos mais importantes para os povos originários australianos, *Songlines*, que literalmente quer dizer *versos musicais*, mas que no contexto australiano sumariza um dos mais antigos sistemas de conhecimentos conectados às pessoas, aos lugares, à terra, ao céu e ao mar. *Songlines* são uma biblioteca ou um arquivo de narrativas (conhecimentos) sobre o cosmos (Universo), oriundos dos distintos povos originários. As *Songlines* são transmitidas no contexto da comunidade e expressam o poder e a promessa de construção de um novo mundo. São histórias profundas de existência que perpassam o passado, o presente e o futuro, em escalas não lineares, mas de continuidade, pois não há, nas cosmologias desses povos, início ou fim: tudo inicia e termina na ideia de *Country*. Nesse sentido, as *Songlines* são compostas por diversos tipos de *Country* (ou *Dreaming*), que materializam as famílias e o profundo e enraizado nível de parentesco que performa a vida em comunidade. Trata-se, assim, de compartilhamento de mundos, lutas, existências e resistências. As *Songlines* circunscrevem o espaço e o tempo, em que o espaço está em toda parte e, o tempo, é todo o momento. Sem a memória vivida no contexto das oralidades não há *Songlines*, não há saberes e fazeres ancestrais.

No segundo livro da coleção, Alison Page, uma artista, designer e cineasta aborígene, e Paul Memmott, um acadêmico arquiteto e antropólogo não indígena, abordam o *Design* como um forma de construção do *Country*, ou seja, uma via de trabalhar o meio ambiente, os objetos e os distintos materiais (culturais e ancestrais) como forma de expressão do poder da narrativa indígena que desperta a memória do país. No livro, os autores trabalham com a espiritualidade de distintos objetos e materiais. Está claro no texto que o aspecto mais importante no *design* do *Country* é a inseparabilidade que há, no mundo indígena em questão, entre as pessoas e a Natureza. Contrariamente à perspectiva da ciência moderna e contemporânea, os conhecimentos ancestrais australianos estão integrados à Natureza, ao animado e não animado. O *Country* é parte da família espiritual, um *parente*, em uma profunda relação de pertencimento (uns aos outros e todos ao cosmos, em relação). Os autores revisitam modos distintos de construção e de arquitetura da vida na perspectiva indígena, subvertendo, inclusive, a ideia de que povos aborígenes foram colonizados. Alternativamente, eles sugerem, são os povos aborígenes que imprimem em todos os espaços e paisagens da Austrália suas formas próprias de ser, estar e viver. A ideia de família, no modelo indígena do que é *casa*, é totalmente distinta do modelo moderno ocidental, em que a coletividade na Natureza supera a individualidade no concreto das cidades. Todo o conhecimento sobre o *Design* vem das *Songlines*. Construir, o tempo inteiro (no senso de continuidade), em perspectiva colaborativa com seres visíveis e invisíveis.

No terceiro livro, Bill Gammage, um historiador acadêmico não indígena australiano, e Bruce Pascoe, um escritor de ficção literária, não

ficção, poesia, ensaios e literatura infantil, autodeclarado aborígene, abordam o *Country* a partir da ideia de fogo e agricultura do futuro. Como já foi explicado até aqui, *Country* não é somente a terra, ou uma noção prosaica de lugar: ele está conectado à forma mais abrangente de ver e sentir o mundo, por meio das pessoas, dos animais, das plantas, da terra, do ar, do fogo, da água, das estrelas e de tudo o que existe. No livro, os autores argumentam, e demonstram com base em documentos históricos escritos pelos próprios colonizadores, que os povos originários australianos não foram somente pescadores e coletores de frutas, mas desenvolveram práticas avançadas de cultivo e cuidado da terra que corporificam sofisticados sistemas de conhecimentos. Por exemplo, os povos originários da Austrália manejam, há séculos, o fogo, utilizando-o para construir e reconstruir o *Country*. Essa realidade representa um duro golpe nas perspectivas coloniais epistêmicas, pois elas desdobram outras formas com as quais os conhecimentos ancestrais sobre os modos de produção e cultivo da terra, da flora e da fauna são enraizados nos sistemas ancestrais, um alento para a construção de um mundo verdadeiramente sustentável na perspectiva do *bem-viver* (Werá, 2024), sem práticas extrativistas e de qualificação da terra como uma propriedade, um produto, um *commodity*. O livro é uma chamada à ação: repensar o passado de exploração para propor um futuro outro.

Na quarta obra da série, Karlie Noon, uma cientista indígena formada em matemática e física, e Krystal De Napoli, uma mulher *Gomeri*, estudante de astrofísica na Monash University à época, desvendam os mistérios das *Astronomias* originárias da Austrália a partir das relações *céu-Country*. No livro, as autoras rompem com a separação entre o céu e a terra que a cosmovisão eurocêntrica colocou em prática e buscam, nas estrelas e nas regiões escuras do céu, as *Songlines*, o *Country* e o *Dreaming* mais profundos da existência. Elas decodificam os segredos e as bibliotecas de histórias que estão plasmadas no céu. Há, no livro, uma discussão profunda sobre como os impactos socioambientais e a poluição luminosa apagam as estrelas e, com elas, as histórias das *Songlines* (tradição e cultura). Diferentemente da Astronomia ocidental, a qual está dissociada da vida e de outras áreas do conhecimento, a Astronomia originária, de acordo com as autoras, integra o sistema de conhecimentos à própria vida. No contexto dessas culturas, as *Seven Sisters* (conhecidas como as *Plêiades* na cultura ocidental) ocupam papel fundamental, pois são uma das mais significativas histórias de fundação das cosmologias ancestrais australianas.

O quinto livro da série reúne três especialistas sobre plantas. Zena Cumpston é aborígene, *Barkandji*, com ascendência afegã, irlandesa e inglesa. Ela é artista, escritora, pesquisadora, curadora e consultora. Michael-Shawn Fletcher se autodeclara aborígene, pelo lado materno, da etnia *Wiradjuri*. Ele é geógrafo físico e atua, à época da escrita, na Faculdade de Ciências da Universidade de Melbourne. Lesley Head, por sua vez, é uma mulher não aborígene geógrafa, com foco nos estudos das plantas, interpretando-as no passado, presente e futuro. O seu principal interesse de pesquisa são as relações entre humanos e meio ambiente, por meio de aportes teóricos e metodológicos da geografia física, arqueologia e geografia

cultural. No livro, os autores apresentam em riqueza de detalhes a importância das plantas para a cosmoverspectiva originária de *Country*. As plantas não apenas pertencem ao mundo, mas são o próprio *Country*, parte do *Dreaming*, cujos ensinamentos foram dados diretamente pelos ancestrais. As plantas não estão apenas ligadas às questões alimentares e medicinais, mas a tudo o que é usado para construir (móveis, cestas, sacolas, canoas) e para as práticas de rituais e cerimônias. As plantas curam e equilibram as relações céu-terra e, os seus significados, extrapolam aos predicados da botânica ocidental. Os autores enfatizam no texto as apropriações dos conhecimentos ancestrais sobre as plantas pelas indústrias predatórias, aprofundando a pilhagem epistêmica.

No sexto livro, Marcia Langton, uma mulher aborígine, escritora e acadêmica na área de geografia e antropologia, e Aaron Corn, um professor acadêmico não aborígine com formação em música, estudos curatoriais e conhecimentos indígenas, apresentam o mundo das *Leis*, em uma abordagem ancestral do direito e da justiça originários no país, destacando não somente as limitações, mas sobretudo o poder dos códigos legais das comunidades originárias para, no presente, legar ao país outras formas de *viver em relação*. As leis não são apenas códigos escritos para lembrar direitos e deveres, mas estão conectadas à vida em sua integridade, no tempo, espaço e lugar. E, nesse sentido, há uma componente extra-humana nessas relações com a lei que não pode ser negligenciada. Não há como separar o código de justiça (leis) da própria noção ancestral de cultura. Do ponto de vista legal, a noção colonial de *terra nullius* (as terras que não pertencem a ninguém) é a maior mentira contada e ensinada no país sobre a experiência originária, um dos fundamentos do racismo anti-indígena. Em algumas culturas indígenas do país, o sistema de justiça (leis) está escrito nas estrelas. A constelação do Cruzeiro do Sul, por exemplo, materializa o sistema de leis *Warlpiri*⁶ (ou *Jukurrpa*), cujos principais princípios são a responsabilidade comunitária (*Ngalkinpa*); o respeito (*Makurnta*); a harmonia (*Kurnta*); os laços familiares (*Walyka-kari*); a expiação; o respeito pelos anciãos; a observância da Lei (*Kuruwarri/Jukurrpa*); a expressão das emoções; e a honestidade.

No sétimo livro, dois pesquisadores não indígenas, Ian J. McNiven, professor de Arqueologia Indígena, e Lynette Russell, reconhecida historiadora por seu vasto trabalho sobre a história dos indígenas australianos, apresentam como os saberes e fazeres ancestrais originários são, na verdade, sistemas de inovação. É impossível supor que povos que vivem na Terra há mais de 65 mil anos não inventaram e nem inovaram frente aos desafios que tiveram que enfrentar no decorrer do tempo, em condições extremas de variações climáticas e outros percalços naturais. Os autores demonstram que a premissa colonial de que os indígenas apresentam conhecimentos e culturas estáticas é completamente falsa. Alternativamente, esses povos têm se reinventado, feito adaptações e, ao mesmo tempo, preservado os seus sistemas de conhecimentos. Para os autores, uma das mais importantes inovações nos sistemas de conhecimentos dos aborígenes é a capacidade deles de se reinventarem com base na *agência da ancestralidade* (ancestrais, extra-humanos). Trata-se,

assim, nessa agência, de se acionar uma outra perspectiva de ciência, tecnologia, desenvolvimento e inovação. O livro está permeado de exemplos práticos sobre como os povos originários da Austrália tiveram que inventar e inovar para sobreviver à era do gelo, à elevação dos oceanos, às inundações severas, aos incêndios, às migrações do interior para a costa e vice-versa, aos rituais e cerimônias nos mais adversos contextos naturais, à construção de casa e manejo da terra, das águas e do céu, das plantas, das leis, da saúde, entre outros.

E, finalmente, no oitavo livro da série, Shawana Andrews, uma pesquisadora e mulher *Palawa Trawlwoolway/Pairrebenne*, com vasta experiência na área de saúde; Sandra Eades, uma mulher Noongar, reconhecida como uma líder em saúde aborígene, primeira pessoa indígena australiana com formação em medicina a receber um doutorado; e Fiona Stanley, uma epidemiologista não indígena australiana também reconhecida por seu profundo e cuidadoso trabalho em saúde pública, apresentam como os processos de cura acontecem no contexto indígena australiano, em que a *Saúde* se conecta às questões do espírito, de *Country* e da cultura. O sistema de saúde ocidental baseado apenas em drogas, remédios, receitas e outras desarticulações entre corpo e espírito é colocado em suspeição. As autoras sugerem que os dois sistemas de saúde, ocidental e ancestral, devem trabalhar juntos em prol de processos genuínos de cura, os quais devem ter como base os conhecimentos milenares, fundamentados nas articulações dos povos originários com o mundo espiritual. No livro, as autoras destacam as estruturas hierárquicas de poder do colonialismo que colocam os brancos europeus no topo da pirâmide do conhecimento, enquanto que as plantas e os minerais aparecem na base da pirâmide assimétrica de poder. Essa escala de comparação também se estende aos humanos, em que corpos negros e indígenas são desumanizados, colocados na base da pirâmide. Além disso, as autoras destacam no livro o impacto que a colonização teve/tem no sistema de saúde dos aborígenes por meio de alguns indicativos: cultura do genocídio; crianças roubadas; preconceitos; estigmas; discriminação; desemprego; bebidas alcoólicas; violência doméstica; nutrição pobre; doenças infecciosas; doenças respiratórias, do ouvido, do coração, renal; moradia precária; saneamento deficiente; urbanização frágil; entre outros agravantes.

Do ponto de vista prático-teórico, a descolonização do pensamento que é fomentada na coleção *First Knowledges* está em sinergia com as ideias da pensadora indígena Linda Smith quando esta apresenta um dos ensaios mais fundamentais sobre metodologias de pesquisa *com* e *sobre* povos indígenas (Smith, 2018) e nos adverte sobre o perigo de pesquisas que não têm compromisso político com a existência dos povos ancestrais. Além disso, o conceito de descolonização que está posto em cada capítulo dos livros forma a base dos princípios da educação antirracista e do pensamento indígena no Brasil, quando estes nos colocam a necessidade urgente de ampliarmos os nossos horizontes sobre as histórias e culturas originárias. Os livros descolonizam o pensamento, pois não apenas trazem um conjunto de conhecimentos que ainda são pobremente abordados nas escolas, nos museus e nas universidades ocidentais, mas também porque desvendam as reivindicações, em todas as esferas da vida, dos povos indígenas

australianos, que estão entre os primeiros cientistas e pensadores, servindo de inspiração para a luta antirracista no mundo. São livros que desnudam as *antropo lógicas* no contexto indígena, sem perder de vista o protagonismo e a centralidade da vida dos povos originários.

Os textos se ressentem, no entanto, de uma discussão mais explícita sobre como os conceitos de *etnia* e *raça* são trabalhados nas culturas australianas e, particularmente, como as categorias *colonialismo* e *racismo* se interconectam e entrecruzam nas avenidas de opressão, principalmente levando em conta que os aborígenes australianos apresentam, em sua maioria, a pela escura. Além disso, não há (quase nenhuma) discussão nos livros sobre como o conceito de *branquitude* (Bento, 2022) se traduz, no país, como uma grande estratégia de perpetuação e fortalecimento do *status quo* (neo)colonial, em que a população e os sistemas de poder na Austrália estão dominados majoritariamente por pessoas brancas/branquíssimas de origem europeia. Os textos poderiam ter trazido uma discussão mais assertiva sobre como as identidades indígenas se conectam com outros marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero, geração, entre outros) no país.

A série *First Knowledges* contribui marcadamente para a descolonização efetiva do pensamento, recuperando a história colonial, desvelando as dinâmicas das particularidades indígenas na Austrália e oferecendo uma sólida base teórica de pensamento para distintas áreas do conhecimento. Os livros manejam bem a ideia de que descolonizar o pensamento é se reconectar à terra, ao mar, ao céu, à história e à cultura para evitar a catástrofe cósmica, ou seja, é viver, ser e estar no *Country*, sem perder de vista as *Songlines*. Para além das exuberâncias territoriais, naturais, humanas, não humanas e extra-humanas que o Brasil e a Austrália compartilham, a perversa experiência da opressão colonial europeia é o que mais conecta a história desses dois gigantes austrais nos últimos cinco séculos. Há, portanto, muito mais da Austrália no Brasil, e vice-versa, do que talvez possamos imaginar.

Referências bibliográficas

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

IXAPY, Patricia Ferreira Pará. **Artes indígenas**: somos um, somos muitos. *In*: PEDROSA, Adriano; RIBEIRO, David. Joseca Yanomami. São Paulo: MASP, 2022, p. 57-74.

LIMA, Diane (Org.). **Negros na piscina**: arte contemporânea, curadoria e educação. São Paulo: Fósforo, 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Perspectivas indígenas antirracistas sobre o etnogenocídio**: contribuições para o reflorestamento do imaginário. *Psicologia & Sociedade*, 35, e277101, 2023.

PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio (Orgs.). **Raça**: novas perspectivas antropológicas. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

WERÁ, Kaká. **Tekoá**: uma arte milenar indígena para o bem-viver. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

Recebido em: 13/04/2023* Aprovado em: 06/04/2026* Publicado em: 30/04/2026
